

## “SESSENTA E DUAS MIL E QUATROCENTAS REPETIÇÕES FORMAM UMA VERDADE”: AS DISCIPLINAS E O ADESTRAMENTO DOS SUJEITOS NAS DISTOPIAS

Juliana Radosavac Figueiredo Cerqueira (UFF)<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo em questão analisa as estruturas disciplinares e biopolíticas propagadas por instituições de ensino nas distopias, a partir da investigação do romance *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley. Por meio de tal análise, discute-se o adestramento dos sujeitos e a homogeneização ideológica, entre outros aspectos, nas distopias, voltados para a dominação e a manutenção dos sistemas distópicos.

**Palavras-chave:** Distopia; Disciplina; Biopolítica; Educação

“O poder total somente pode ser atingido e resguardado em um mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o menor traço de espontaneidade” (ARENDDT, 1967 apud PAVLOSKI, 2014). Tal é a citação utilizada por Evanir Pavloski para comentar as estruturas de controle social observadas na utopia, que, mais tarde, seriam satirizadas pela distopia. O autor, interessado nas formas de controle exercidas sobre o indivíduo nas distopias, aponta para o aspecto disciplinar frequentemente identificado nas obras, que promove formas eficientes de dominação e reprodução ideológica. As grandes distopias do século XX (*Nós, 1984* e *Admirável mundo novo*), segundo ele, estariam todas centradas no “rígido controle exercido institucionalmente” para a construção de uma estabilidade baseada na “erradicação da individualidade” (PAVLOSKI, 2014, p.73). É compreensível, então, a frequente representação e importância de instituições de ensino dentro das narrativas distópicas – característica que permanece na contemporaneidade, sobretudo com as distopias destinadas ao público adolescente, como *O doador de memórias*, *O pacto* e *Não me abandone jamais*, entre outras. Portanto, analisar essas instituições que estão tão presentes nas distopias auxilia na compreensão das estruturas de poder delineadas no subgênero. Desta forma, é possível afirmar que tais espaços da narrativa distópica funcionam muitas vezes como elementos importantes para o mapeamento cognitivo empregado pelo leitor.

Uma das obras que talvez melhor represente a importância das instituições de ensino para o controle social e a homogeneização ideológica nas distopias é *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley. O romance abre sua narrativa no portal do Centro de

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês (UFF), Mestranda em Estudos da Literatura (UFF). Contato: [julianaradosavac@gmail.com](mailto:julianaradosavac@gmail.com).

Incubação e Condicionamento do Centro de Londres, prédio destinado à formação e incubação dos embriões produzidos *in vitro* pelo Estado distópico delineado no romance, bem como ao ensino e às formas de condicionamento dos bebês e crianças educados de forma altamente controlada pelo Estado Mundial. A narrativa acompanha, inicialmente, o diretor da instituição, enquanto ele guia um grupo de estudantes pelas instalações do local, descrevendo, passo a passo, o trabalho dos funcionários do centro e a educação das crianças. O diretor acaba guiando também o leitor pelo mundo do romance, partindo do coração da estrutura de poder do Estado distópico – local de enorme importância para o Estado Mundial, já que literalmente se ocupa da (re)produção da população e da sua formação e educação –, o que possibilita entender o funcionamento daquela sociedade em detalhe.

Partindo do processo de fecundação dos óvulos e a formação do zigoto *in vitro*, o diretor indica a separação dos ovos Alphas e Betas (castas superiores na ordem da obra) dos Deltas, Gamas e Épsilons (castas inferiores), que serão destinados ao processo bokanovski. Tal procedimento se destina a multiplicar os ovos tanto quanto for possível, em quantidades altíssimas. Para que isso seja possível, é preciso limitar o crescimento dos ovos e expô-los a terríveis condições. Paradoxalmente, o processo permite que os ovos se multipliquem até noventa e seis vezes na Inglaterra. Os ovos são expostos a raios-x, baixas temperaturas e outros métodos de limitação que resultarão na formação de inúmeros gêmeos idênticos. Segundo o diretor, essa produção em massa de seres humanos é um dos principais fatores da estabilidade do mundo, na obra.

As intervenções, porém, não param por aí. Após a multiplicação dos ovos, é feita a “Predestinação Social” através das formas de condicionamento adequadas para cada embrião. Os embriões de castas mais baixas recebem menos oxigênio do que os de outras castas, a fim de produzir os traços distintivos entre as mesmas, além de tolher seu desenvolvimento e gerar uma redução de capacidade intelectual, de modo que quanto menor for a casta, maior é a privação de oxigênio. Entre outros métodos, um marcante é o condicionamento à profissão de cada grupo bokanovski. Os gêmeos idênticos de um processo bokanovski são geralmente designados a trabalhar num mesmo lugar e numa mesma profissão, e cada grupo recebe um condicionamento especial para a sua. Um exemplo dessa forma de condicionamento é descrito para os engenheiros de foguete, que são condicionados a se sentirem bem de cabeça para baixo via estímulos positivos na

circulação sanguínea e nutritiva do embrião, de modo que passem a associar as posições exigidas pelo seu trabalho a um sentimento satisfatório. O próprio Diretor do Centro de Condicionamento explica que o adestramento dos corpos produz mais tarde o adestramento das mentes, que acabam seguindo esses instintos fabricados. Esse é outro procedimento que produz, segundo a lógica do mundo ficcional, estabilidade e satisfação geral, já que todos serão compelidos a sentirem-se satisfeitos com suas profissões.

Mais adiante, o diretor conduz o leitor aos Berçários de Condicionamento Neopavloviano, onde é demonstrada uma das formas de condicionamento psicológico behaviorista. No momento da narrativa, um grupo de bebês Delta é posto em contato com livros e rosas. Durante esse contato, são expostos a estímulos negativos através de sons extremamente altos e ondas de choque. Esse processo é repetido certo número de vezes em sua rotina semanal, para que desenvolvam repulsa aos livros e à natureza e que, desta forma, passem a rejeitar qualquer atividade intelectual que não lhes convém como Deltas e a investir em formas de lazer diferentes do contato com a natureza – que é gratuita – para voltarem-se a formas de lazer associadas ao consumo.

Outro método de condicionamento – dessa vez moral – apresentado pelo diretor é a hipnopedia. O procedimento consiste na repetição de certos lemas morais por autofalantes instalados embaixo dos travesseiros das crianças que dormem. As repetições são numerosas e se encarregam do controle moral dos sujeitos. Conforme é explicado pelo diretor, o procedimento da hipnopedia havia sido usado em uma tentativa de passagem de conhecimento no passado. No entanto, descobriu-se que os sujeitos que passaram pelo experimento não possuíam qualquer consciência do que havia sido ensinado nas seções, apesar de serem capazes de reproduzir instintiva e fielmente o que fora dito nas mesmas. De tal forma, percebeu-se que a hipnopedia não servia para o aprendizado racional, mas que, ao contrário, era excelente para os fins da educação moral, que, segundo o diretor “não deve, em quaisquer circunstâncias, ser racional” (HUXLEY, 2004, p. 34, tradução própria). Sendo assim, as sessões de hipnopedia empregadas pelo centro de condicionamento centravam-se na repetição à exaustão de chavões morais, que produziam certos reflexos nos sujeitos. Durante o romance, os chavões são excessivamente repetidos nas mais diversas situações. O leitor tem acesso às dimensões do procedimento, quando, em certo momento da narrativa, o personagem Bernard Marx reage a um desses chavões, repetido por um de seus colegas:

“Todos pertencem a todo o resto, afinal.”

Cem repetições por três noites na semana por quatro anos, pensou Bernard Marx que era um especialista em hipnopedias. Sessenta e duas mil e quatrocentas repetições fazem uma verdade. (Idem, p. 52, tradução própria)

O julgamento de Bernard citado acima revela por si só que o Estado Mundial foi capaz de fabricar a verdade através das formas de adestramento mencionadas, fazendo da mesma, algo unívoco e fechado, fora da esfera da reflexão. A verdade não existe fora do Estado, mas dentro das engrenagens do poder que a constroem. Método parecido pode ser encontrado em *1984* de Orwell, no qual a verdade é escancaradamente editada e fabricada pelo Partido, para seu propósito de controle e hegemonia. Winston, o protagonista da obra, é um funcionário do “Ministério da Verdade”, cuja função é justamente editar e apagar notícias e registros, conforme as instruções do partido. Assim, a verdade deixa de existir fora dos sujeitos e do poder. Por este ponto de vista, a lógica de *Admirável mundo novo* está bem próxima à de *1984*, na qual “a realidade não é externa. A realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar. Não na mente do indivíduo, que pode cometer erros e, em todo caso, perece; somente na mente do Partido, que é coletiva e imortal” (ORWELL, 1950, p. 249, tradução própria). Portanto, a educação no romance de Huxley, centrado-se no adestramento dos sujeitos, perde qualquer relação com uma realidade externa e objetiva. Ela se volta sobretudo para o sujeito, criando meios para que este venha a absorver a verdade fabricada pelo Estado.

O Centro de Incubação e Condicionamento, portanto, apresenta grande importância para a narrativa, não somente como a porta de entrada do mundo ficcional de Huxley, mas como a fundação e forma de manutenção do sistema distópico, além de servir como um manual ao leitor para a compreensão das estruturas sociais e políticas com que se depara, criando, então, uma estrutura didática dentro da narrativa e vendo o texto distópico como um meio de educação. A narrativa parece, inclusive, se ancorar no centro de ensino por quase metade do livro e, mesmo quando se desloca para outros espaços, não parece soltar-se do coração da distopia: o Centro de Incubação e Condicionamento.

Logo, esta instituição evidencia um imenso esforço por parte do Estado distópico voltado para a doutrinação e subjugação dos sujeitos, com o intuito de que se tornem reprodutores da ideologia do Estado e para que trabalhem na sua manutenção e

perpetuação. Essa dinâmica se torna possível, principalmente, pela implementação do modelo disciplinar, do qual falara Pavloski. As disciplinas, segundo Michel Foucault, consistem numa tecnologia do poder que se volta sobretudo sobre o corpo, como “alvo e objeto de poder” (2016, p. 133). São métodos de “controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (ibid, p. 135). As disciplinas, de acordo com o filósofo, aumentam as forças dos corpos em termos de utilidade, ao mesmo tempo em que as diminuem em termos de resistência, produzindo uma relação de sujeição (ibid, p. 136).

No romance de Huxley é notável tal face das distopias, especialmente considerando as formas de condicionamento mencionadas anteriormente. O Estado Mundial potencializa os corpos dos sujeitos, de forma extremamente detalhada, tornando-os extremamente hábeis em suas profissões, ao mesmo tempo em que os condiciona a desprezarem tudo aquilo que pode lhes suscitar formas de resistência, como os livros e a natureza, no caso da casta dos Deltas. Considerando a importância do corpo como objeto e alvo do poder disciplinar, não é de espantar que o Estado Mundial tome o corpo de forma tão central na narrativa. Afinal, os corpos dos sujeitos são (re)produzidos pelo Estado e seu desenvolvimento é completamente manipulado e modificado pelo mesmo de forma altamente violenta, o que aponta para o caráter distópico do texto. O Estado Mundial não poupa esforços na sua atuação sobre os corpos dos sujeitos, de modo a formar “corpos dóceis” e úteis.

Essa docilização dos corpos, indicada por Foucault, é ainda descrita como forma de dominação eficiente e econômica. Diferentemente do poder soberano, o poder disciplinar não tem como função maior retirar ou apropriar, mas adestrar. Sendo assim, ele é capaz de retirar mais e melhor, aumentando sua eficácia e economia (FOUCAULT, 2016, p. 167). As distopias se integram bem à tal estrutura e alertam para o potencial obscuro dessas técnicas de poder. O sucesso dessa forma de poder, segundo Foucault, se garante principalmente pela vigilância, pela sanção normalizadora e pelo exame. A esses dois primeiros aspectos, a distopia parece se filiar especialmente.

A vigilância é um traço já muito explorado na distopia e está presente de maneira impactante em *1984* de Orwell (1948), em *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins (2008) e em muitos outros romances. A vigilância é frequentemente uma característica marcante nas distopias e parece ganhar mais importância ainda na contemporaneidade, devido às

novas tecnologias na área de comunicação que, apesar de seus inúmeros benefícios, trouxeram também um grande desconforto com a possibilidade de apropriação de informações pessoais e exposição da privacidade. Dentro do modelo disciplinar, segundo Foucault (2000), a vigilância ganha importância na Era Clássica (época que equivaleria aos séculos XVII e XVIII, quando surgiu o modelo disciplinar): momento favorável à visão e à classificação. Nessa época, de acordo com o autor, o favorecimento da racionalidade e da objetividade pôs o detalhe e a visão em destaque, já que a vista era considerada a experiência sensível mais objetiva. Também a invenção do microscópio beneficiou o papel da visão na Era Clássica.

As tecnologias de vigilância desenvolvidas, nessa época, pelo poder disciplinar se voltavam para técnicas de observar sem ser visto; técnicas que se inspiraram principalmente no panóptico de Bentham. A vigilância do panóptico automatiza e desindividualiza o poder, pois cria um estado em que todos se sentem constantemente vigiados, sem saber ao certo se o estão de fato (FOUCAULT, 2016, p. 168). Isso dá uma sensação de dispersão do poder. Bentham, conforme Foucault indica, esclarece que, através de tal modo de vigilância, não é preciso recorrer ao uso da força, e, desta forma, o indivíduo “torna-se princípio de sua própria sujeição”. Foucault conclui ainda que o panoptismo permite treinar e modificar o comportamento dos indivíduos, sendo, portanto, peça central para as formas de adestramento do poder disciplinar (Ibid, p. 196). Desta forma, é possível fazer com que os sujeitos internalizem as estruturas de poder, trabalhando ativamente para a sua manutenção, mesmo que estas atentem contra a sua própria liberdade. A educação é uma das principais formas de produzir tal internalização, através das suas formas de adestramento.

No romance de Huxley, essa estrutura de vigilância e dissipação do poder se faz sentir durante todo o percurso da narrativa. Embora a obra não conte com tecnologias como as “teletelas” de *1984*, responsáveis pela observação ininterrupta, é possível notar, na obra de Huxley, a cooptação dos sujeitos pelos sistemas de vigilância, de forma que todos se vigiam uns aos outros. Em *Admirável mundo novo*, ficam claros os esquemas de vigilância nos comportamentos, principalmente relacionados ao personagem Bernard Marx, que, no início da narrativa, demonstra atitudes inadequadas para a sociedade do romance, como o seu modo de agir ríspido e sua falta com os compromissos sociais levianos e amorosos. Os desvios são sempre observados pelos colegas, que tentam

restituí-lo à norma, repetindo as máximas do sistema distópico disseminadas nas sessões de hipnopedia, mencionadas anteriormente, para que o personagem tomasse o “soma” – droga sem quaisquer efeitos colaterais, capaz de proporcionar satisfação e calma instantaneamente, que é regularmente utilizada por todos os sujeitos, com a exceção de Marx. Além disso, relatórios de seu comportamento fora das horas de trabalho chegam às mãos do diretor do Centro de Condicionamento, comprovando a observação constante de todos.

Dentro do quadro das disciplinas, também as recompensas e sobretudo as sanções têm grande importância. De acordo com Foucault, através da vigilância, é possível classificar e hierarquizar os indivíduos no poder disciplinar, de forma a oferecer privilégios aos melhores e punir os desajustados. A função dessas recompensas e punições é, por meio de uma pressão constante, uniformizar os comportamentos e reduzir os desvios – o que, logicamente, beneficia a dominação dos sujeitos por parte do Estado distópico. Foucault (2016, p. 175) aponta que, se comparadas àquelas do antigo poder soberano, essas sanções normalizadoras – que são utilizadas até mesmo para os mais sutis desvios – tendem a ser mais leves no modelo disciplinar (“castigos físicos leves”, “privações ligeiras” e “pequenas humilhações”). No entanto, vale observar que, nas distopias, repetidamente, os castigos não são leves como Foucault afirmara, já que a violência desmedida sobre o protagonista, ou sobre o grupo com o qual o leitor deve se identificar, é um dos fatores que frequentemente denuncia a qualidade distópica do livro àquele que navega por suas páginas.

No caso de *Admirável mundo novo*, entretanto, as punições não parecem ocupar um papel tão central. Não só o sistema de adestramento parece ser eficaz ao ponto de os desvios serem raros, como também parece não haver tanta necessidade para tais, tendo em vista o uso do soma, que apazigua os conflitos e insatisfações. Um dos poucos métodos de punição do Estado Mundial, que só chega a ser passageiramente mencionado, é a transferência para instituições menores em países afastados e pouco populosos:

“(…) A segurança e a estabilidade da Sociedade estão em perigo. Sim, em perigo, senhoras e senhores. Esse homem”, ele apontou acusadoramente para Bernard, “esse homem que se encontra diante de vocês (...) traiu grosseiramente a confiança dada a ele. Por suas opiniões heréticas sobre o esporte e o soma, por sua escandalosa vida sexual não ortodoxa, por sua recusa em obedecer os ensinamentos de Nosso Ford e em se comportar fora das horas de trabalho, ‘até mesmo como uma

criança' (...), ele se mostrou um inimigo da Sociedade (...). Por essa razão, eu proponho dispensá-lo, dispensá-lo com desonra do posto que ele ocupou neste Centro; eu proponho imediatamente solicitar a sua transferência para um Subcentro da menor ordem e que a sua punição possa servir ao melhor interesse da Sociedade, removido, tanto quanto possível, de qualquer Centro da população. Na Islândia ele terá pouca oportunidade para desviar outros com seu exemplo não fordiano.” (HUXLEY, 2004, p. 138, tradução própria)

Outro castigo, que talvez nem chegue a constituir uma punição propriamente dita, é o exílio dos curiosos irreversivelmente desajustados para ilhas distantes, onde poderão dar vazão aos seus interesses.

Por meio desse sistema de vigilância hierarquizante e suas punições, o comportamento dos sujeitos é corrigido e uniformizado e, como afirma Foucault, os indivíduos se tornam agentes de sua própria sujeição. A homogeneização dos comportamentos aparece claramente de forma negativa nas distopias, que, através de pistas textuais, parecem defender a valorização da individualidade. Segundo Gregory Claeys (2017), a importância do grupo em relação ao indivíduo se manifesta tanto na utopia quanto na distopia. O autor afirma que:

Ambas as utopias e as distopias normalmente, embora não universalmente, exibem um ethos coletivista. As pessoas sacrificam seu interesse individual em prol do bem comum. A solidariedade social vence o individualismo egoísta. (...) Na distopia (...), esses laços apresentam-se frequentemente como o que Leszek Kołakowski chama de “solidariedade compulsória”. Aqui, eles são coercitivos e dependem ainda mais da escravização de outros. Essa coação desgasta fundamentalmente tudo o que é valioso à solidariedade. (...) Em seu aspecto mais sombrio, portanto, a distopia coletiva, geralmente, exhibe um ethos extremo de sociabilidade centrado numa devoção fervente de um bem comum, que é, na verdade, despótico ao invés de consensual. (CLAEYS, 2017, p. 8)<sup>14</sup>

Claeys chega até mesmo a associar essa uniformização comportamental e ideológica à escola e outras instituições descritas por ele como absolutas, quando comenta elementos sociais importantes às distopias coletivas. Segundo ele, essas instituições se encarregam da “administração formal” da vida dos internos, voltando-se para a “uniformidade, despersonalização, disciplina de grupo e a sublimação ou perda de identidade” (ibid, p. 13).



O desenvolvimento da sociedade disciplinar, para Foucault, portanto, inicia uma nova forma de poder, tratando-se de uma construção voltada para a produção de forças, seu crescimento e ordenação. Assim sendo, a formação da sociedade disciplinar implicou na mudança de um poder que “deixa viver e faz morrer” – o antigo poder soberano – para um poder que “faz viver” (FOUCAULT 2017, p. 146). Segundo o filósofo, “o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de **um poder que gere a vida** e a se ordenar em função de seus reclamos” (Idem, p. 147, grifo nosso). Trata-se, portanto, de um poder da vida e sobre a vida: um biopoder.

Para Foucault, esse biopoder se apresenta na Era Clássica sob dois polos complementares entre si: o primeiro seria marcado pela própria estrutura disciplinar (final do século XVII), descrita anteriormente, e o outro pelos controles reguladores das populações (meados do século XVIII). Este último dirige-se ao corpo-espécie, ao ser humano como ser vivo e à regulação dos processos biológicos, como explica Foucault. Para o filósofo,

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, dessa grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo (FOUCAULT, 2017, p. 150).

A biopolítica significa, portanto, uma outra tecnologia do poder que surge no final do século XVIII, capaz de controlar não somente os indivíduos, mas as massas; tecnologia que não anula a disciplinar, mas adere a ela (NASCIMENTO, 2012, p. 163).

A perspectiva biopolítica apresentada por Foucault não poderia estar mais afinada ao romance selecionado – entre tantos outros – e aos institutos de ensino como propagadores e produtores de tal controle sobre a vida. Em *Admirável mundo novo*, é possível observar um Estado distópico completamente voltado para a vida biológica; para a captura da *zoé* pela política. A regulação da população pela política, no romance, fica escancarada na proibição da procriação vivípara e na captura da reprodução pelo Estado. No mundo de Huxley, o Estado distópico “faz viver” de forma literal, através da “fabricação” de seres humanos em escala e modo de produção Fordista, nos centros de incubação e condicionamento, mediante as técnicas *in vitro*, possuindo total controle

sobre os números populacionais. Além disso, o Estado manipula todo o processo de formação dos seres humanos, como explicado anteriormente, interferindo de forma cruel em todas as etapas do desenvolvimento humano, demonstrando a captura da vida nos procedimentos políticos. Também as formas de ensino/condicionamento psicológico permitem o controle da vida, especialmente no que diz respeito às práticas anticoncepcionais femininas:

No entanto, embora estivesse encerrada no bocal, e apesar daquele segundo grama de soma, Lenina não se esqueceu de tomar todas as precauções anticoncepcionais prescritas pelos regulamentos. Anos de hipnopedias intensivas e, dos doze aos dezessete, exercícios malthusianos três vezes por semana, tinham tornado a prática dessas precauções quase tão automática como pestanejar. (HUXLEY, 2004, p. 80, tradução própria)

O Estado incide ainda sobre o controle da fecundidade feminina, mantendo setenta por cento da população do sexo completamente estéril, como garante o diretor do centro:

“Porque, é claro”, disse o Sr. Foster, “na imensa maioria dos casos, a fecundidade é simplesmente um incômodo. Um ovário fértil em mil e duzentos – isso seria plenamente suficiente para nossas necessidades. Mas nós queremos ter boa possibilidade de escolha. E, naturalmente, é preciso conservar sempre uma margem de segurança enorme. Por isso deixamos que se desenvolvam normalmente até trinta por cento de embriões femininos. Os outros recebem uma dose de hormônio sexual masculino a cada vinte e quatro metros, durante o resto do percurso. Resultado: são decantados como neutros – absolutamente normais sob o ponto de vista estrutural (salvo, viu-se obrigado a reconhecer, o fato de terem, na verdade, uma ligeira tendência para o aparecimento de barba), mas estéreis. Garantidamente estéreis (...).” (HUXLEY, 2004, p. 23; tradução própria)

Além disso, o Estado intervém de maneira química no corpo dos seus sujeitos, propagando e administrando o uso da droga chamada soma, que permite o controle dos indivíduos.

O centro de ensino presente em *Admirável mundo novo*, portanto, permite a ordenação e o controle da vida, fazendo com que os sujeitos trabalhem na sua própria sujeição e também na produção dos meios materiais que sustentam e garantem a continuidade da distopia. Como é possível observar no romance, forma-se uma estrutura capitalista que adere às técnicas disciplinares e biopolíticas. Tal estrutura, em verdade,

esteve ligada ao biopoder na história. Como muitos teóricos – incluindo o próprio Foucault, Agamben e Corsini – comentam, o desenvolvimento das técnicas disciplinares e biopolíticas foi aquilo que possibilitou a expansão do capitalismo na modernidade. Mariangela Nascimento explica que:

A sociedade disciplinar e de controle subjugou a vida humana às estratégias do Estado em sua função de transformar tudo em produção, de tratar o ser humano não como indivíduo, mas como espécie, promovendo assim o desenvolvimento capitalista. Isso vai ser concretizado, historicamente, com a sociedade industrial organizada e gerenciada pelos princípios fordistas e tayloristas (NASCIMENTO, 2012, p. 164)

*Admirável mundo novo* se encontra em grande afinidade com a citação de Nascimento, pois, também no romance, a sociedade disciplinar e a biopolítica alimentam a produção capitalista, formando uma rede estreita entre ensino, produção, consumo e divisão de classes. Sob diferentes aspectos, o ensino disciplinar e as técnicas biopolíticas formam os alicerces do capitalismo fordista, na obra – alusão clara a um dos períodos mais marcantes na história do capitalismo, que se presta bem à narrativa e à crítica distópica.

Sendo assim, no romance de Huxley, os sujeitos formados por essa estrutura de poder são adestrados para, em concordância com a norma, reproduzirem o discurso do Estado distópico de forma acrítica, bem como formarem a mão de obra útil e que cria as condições de manutenção do mesmo. Como no clipe “Another Brick in the Wall” da banda Pink Floyd, o modelo de ensino da distopia analisada parece reforçar uma máquina homogeneizadora e manipuladora. O clipe em questão se relaciona bem com o romance de Huxley, pois aponta também para as semelhanças entre a fábrica e a escola no processo de normalização dos sujeitos. Em suma, formam-se sujeitos que fortalecem as edificações da distopia, através dos sistemas disciplinar e biopolítico, propagados sobretudo pela instituição de ensino presente no romance.

## Referências

CLAEYS, Gregory. “Rethinking the Political Dystopia: The Group and the Crowd”. In: \_\_\_\_\_. *Dystopia: A Natural History – A Study of Modern Despotism, Its Antecedents, and Its Literary Diffractions*. Oxford: Oxford UP, 2017.

FOUCAULT, Michel. “Classificar”. In: \_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 42a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. “Direito de morte e poder sobre a vida”. In: \_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 5a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017. p. 145-174.

HUXLEY, Aldous. *Brave New world and Brave New World Revisited*. Nova York: HaperCollins, 2004.

NASCIMENTO, Mariangela. “Soberania, poder e biopolítica: Arendt, Foucault e Negri”. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa*, v. 6, n. 2, p.152-169, dez. 2012. Disponível em: <[http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol6-n2/11SOBERANIA\\_PODER\\_E\\_BIOPOLITICA\\_ARENDT\\_FOUCAULT\\_E\\_NEGRI\\_SOBERANIA-Mariangela\\_Nascimento.pdf](http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol6-n2/11SOBERANIA_PODER_E_BIOPOLITICA_ARENDT_FOUCAULT_E_NEGRI_SOBERANIA-Mariangela_Nascimento.pdf)>. Acesso em: 03 fev de 2018.

ORWELL, George. 1984. Nova York: Signet Classics, 1950.

PAVLOSKI, Evanir. “Os Horizontes do Utopismo”. In: \_\_\_\_\_. *1984: a distopia do indivíduo sob controle*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. p. 17-90.